**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**DISCIPLINA:** LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA IV

**TURMA:** ELETRO3AM - CONTRATURNO

**PROFESSOR:** Francisco H. Arruda de Oliveira

 **ALUNO (A) \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_**

**MODERNISMO NO BRASIL**

**TEXTO TEÓRICO 2**

Depois da [**Semana de Arte Moderna**](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/modernismo-no-brasil---a-semana-de-arte-sao-paulo-e-a-1-geracao-modernista.htm), a ideia de "modernismo" - ou seja, de novas atitudes artísticas contra a arte encarada como artificial, contra tudo o que os escritores consideravam "velho"- parecia não ter sido absorvida e a literatura no Brasil parecia não ter mudado em nada.

Entretanto, alguns intelectuais de várias regiões começaram a manifestar-se: a verdadeira arte moderna devia retratar criticamente um Brasil mais abrangente, que mal se conhecia, cujas desigualdades sociais fossem retratadas com vigor num realismo próprio do século 20. A arte literária, segundo vários intelectuais, devia sair dos "salões aristocráticos de São Paulo", quer dizer, devia abandonar o contato apenas com o urbano, influenciado pelas vanguardas europeias.

**O Romance de 30**

Em 1926, ocorre um congresso em Recife e nele se encontram escritores do Nordeste; estes se dispõem, aos poucos, a fazer uma prosa regional consistente e participativa. É dessas primeiras manifestações que surgirá um dos momentos mais autênticos da literatura brasileira, o Romance de 30.

A data de 1930 é marcante porque consolida a renovação do gênero romance no Brasil, ou seja, traz novos rumos à prosa. Depois de tanta arruaça intelectual dos primeiros modernistas no Sudeste do país, procura-se atingir equilíbrio e estabilidade, que, aos poucos, vai aparecendo em obras e mais obras: *O quinze*, de [**Rachel de Queiroz**](http://educacao.uol.com.br/biografias/rachel-de-queiroz.jhtm) (1930); *O país do Carnaval*, de [**Jorge Amado**](http://educacao.uol.com.br/biografias/jorge-amado.jhtm)(1931); [Menino de engenho](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/menino-de-engenho-jose-lins-do-rego-e-o-rito-iniciatico-nordestino.htm), de [**José Lins do Rego**](http://educacao.uol.com.br/biografias/jose-lins-do-rego.jhtm) (1932); [São Bernardo](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/sao-bernardo-graciliano-ramos-narra-com-primor-trajeto-existencial.htm), de [**Graciliano Ramos**](http://educacao.uol.com.br/biografias/graciliano-ramos.jhtm) (1934); e *Capitães da areia*, de Jorge Amado (1937).

Esta nova literatura em prosa será antifascista e anticapitalista, extremamente vigorosa e crítica. Os livros didáticos a chamam com vários nomes: "Romance de 30" (porque é o início cronológico da nova literatura); **romance neo-realista** (porque essas obras conseguiram renovar e modernizar o realismo/naturalismo do século 19, enriquecendo-o com preocupações psicológicas e sociais) ou **romance regionalista moderno** (porque escapa das metrópoles e vai ao Brasil regional, preso ainda a antinomias dos séculos anteriores).

Lembremos, inclusive, que algumas obras sociológicas fundamentais surgem nessa mesma época: [Casa-grande & senzala](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/gilberto-freyre-conheca-o-autor-de-casa-grande-e-senzala.htm), de [**Gilberto Freyre**](http://educacao.uol.com.br/biografias/gilberto-freyre.jhtm), é de 1933, e *Raízes do Brasil*, de [**Sérgio Buarque de Hollanda**](http://educacao.uol.com.br/biografias/sergio-buarque-de-holanda.jhtm), de 1936.

De todos os nomes para essa época, o melhor parece ser o do título deste artigo. Por quê? Porque os romances de Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Érico Verissimo, Graciliano Ramos e outros escritores criaram um estilo novo, completamente moderno, totalmente liberto da linguagem tradicional, nos quais puderam incorporar a real linguagem regional, as gírias locais.

**A consciência crítica**

Mais do que tudo, através dessa "fala", consolidaram em suas obras questões sociais bastante graves: a desigualdade social, a vida cruel dos retirantes, os resquícios de escravidão, o coronelismo, apoiado na posse das terras - todos problemas sociopolíticos que se sobreporiam ao lado pitoresco das várias regiões retratadas.

Leia, por exemplo, um trecho de [Vidas secas](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/vidas-secas-analise-do-livro-de-graciliano-ramos.htm), de Graciliano Ramos:

*Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos*
*[...]
Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo escanhacado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.*

Perceba a força narrativa com que o narrador descreve a cena cruel, de retirantes exaustos sob o sol, a família silenciosa e triste, com a qual ele se solidariza ("os infelizes"); ele e nós, os leitores. A lentidão proposital da narrativa é a superação difícil do caminho sob o sol (para onde vai quem não tem terras?) e a secura descritiva reproduz o silêncio dos que estão exaustos. Essa é a seca vida do herói - agora um anti-herói -, humilhado e vencido pelo meio hostil.

Esses romances foram fundamentais para o amadurecimento da consciência crítica e social do leitor brasileiro. Com eles, encontramos formas de compreensão do homem em várias faixas da sociedade brasileira e do determinismo que o persegue em situações adversas. É injusto pensarmos que esses romances mostraram apenas as "mulatas gabrielas" para o mundo exterior. As formas de narrar o cotidiano ficaram mais complexas e tensas.

Leia mais um trecho de Graciliano Ramos, não da história de Fabiano, mas da de Paulo Honório, que foi guia de cego e trabalhador de enxada, mas conseguiu conquistar, com violência e determinação, além da fazenda de São Bernardo, respeito, dinheiro e prestígio: virou um coronel. Teria sido um Fabiano que deu certo? Parece que não:

*Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei*

*[...]*

*Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins.*

*[...]*
*Não consigo modificar-me, é o que aflige.*

*[...]
A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste que me deu uma alma agreste.*

A adesão ao [socialismo](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/comunismo-do-socialismo-romantico-a-extinta-uniao-sovietica.htm) impôs aos escritores da época, às vezes de forma radical, fórmulas de compreensão do homem em sociedade. Os romancistas, imbuídos do sentimento de missão política, queriam mostrar as tensões que transformavam ou destruíam os homens - aliás, um tema universal e sempre vivo na literatura.

Mas o fato é que sem os modernistas de 1922 (1ª geração), dificilmente os modernistas de 1930 (2ª geração) teriam conseguido o feito literário e social que obtiveram, porque aqueles foram os primeiros que provocaram a atualização da "inteligência" brasileira, foram eles que trouxeram para a literatura o fato não-literário e a oralidade, que tanto beneficiou o realismo seco dos escritores regionalistas, dando-lhes maior autenticidade.

Por outro lado, mesmo com os romances mais pitorescos e menos brutais, os leitores aprenderam, como nos ensina Alfredo Bosi (*História concisa da literatura brasileira*), que o velho mundo dos homens poderosos não acaba tão facilmente: as estruturas das oligarquias regionais se mantêm através do poder e da força, e é contra eles que se tem de lutar. Como nos conta Jorge Amado, ao final de *Capitães da areia*:

*No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, líder da sua classe, que se encontrava preso numa colônia.
[...] E no dia em que ele fugiu..., em inúmeros lares, na hora pobre do jantar, rostos se iluminaram ao saber da notícia. [...] Qualquer daqueles lares se abriria para Pedro Bala, fugitivo da polícia. Porque a revolução é uma pátria e uma família.*

E a poesia, perguntará você? Deixou de ser feita nesses anos duros da seca? De jeito nenhum.. Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Mário e Oswald de Andrade, [**Cecília Meireles**](http://educacao.uol.com.br/biografias/cecilia-meireles.jhtm), [**Cassiano Ricardo**](http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u596.jhtm), [**Murilo Mendes**](http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u611.jhtm) e outros poetas continuavam sua longa carreira lírica modernista.

## **Modernismo - Momento histórico da segunda fase**

O segundo período do Modernismo brasileiro se estendeu de 1930 a 1945. Internacionalmente, o país vivia uma depressão econômica, causada pelas duas guerras mundiais (1919-1939) e pelo avanço do nazi-fascismo. Já no plano nacional houve a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Na década de 30 houve um forte impacto na economia mundial, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, chamado de Grande Depressão. Durante esse colapso no sistema financeiro mundial, paralisações de fábricas, falências bancárias, desemprego em massa, fome e miséria eram constantes.

Cada país tentou minimizar os efeitos da crise, ao passo que houve fortalecimento dos partidos socialistas e comunistas em choque com as ideologias burguesas. A partir disso, para evitar qualquer tipo de anarquismo e contrários ao comunismo, os estados defenderam o autoritarismo como forma de governo.

No Brasil, a República do café-com-leite ou República Velha estava em crise, pois a superprodução de café desestabilizou a economia e, portanto, havia muitos estoques do produto, porém, sem compradores, já que o mundo estava em crise financeira.

Ocorreu a Revolução de 1930 no Brasil, que levou Getúlio Vargas ao governo provisório, apoiado pela burguesia industrial. Começou, então, o incentivo à industrialização e a entrada de capital norte-americano. Houve uma tentativa de Revolução, chamada Constitucionalista, em oposição ao governo de Vargas, formada praticamente pela oligarquia cafeeira, frustrada pela política econômica do governo, a qual apoiava a industrialização.

Em meio à massa descontente das oligarquias rurais, ao temor da burguesia quanto às agitações político-sociais e as constantes manifestações contrárias ao seu governo, Vargas resolveu iniciar a ditadura militar no Brasil, em 1937. Foi implantado o “Estado Novo”, que compreendeu o longo período anticomunista e antidemocrático no Brasil, chefiado unicamente por Getúlio Vargas, que durou até 29 de outubro de 1945, quando debaixo de pressões, Getúlio renunciou ao cargo.

**3ª GERAÇÃO MODERNISTA**

### Novos caminhos

No Brasil, a essa geração de escritores dá-se o nome de **3ª geração modernista**. Esse início da segunda metade do século 20 tem um momento cultural muito rico, pois as produções literárias, marcadas por todas essas novidades, diversificavam-se; acabava o predomínio da poesia da 1ª geração ou da prosa (2ª geração). Gêneros literários convivem, são feitos experimentos temáticos e linguísticos, e muitos dos textos escritos para os jornais (as crônicas) começam a crescer e ganhar status de literatura.

Excelente momento esse, pois ao mesmo tempo em que a prosa (romance, conto) buscava caminhos para prosseguir, renovando brilhantemente as técnicas de expressão - como fizeram [Guimarães Rosa](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/grande-sertao-veredas-guimaraes-rosa-e-o-universalismo-filosofico-do-sertao.htm) e [Clarice Lispector](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/clarice-lispector-1-o-mergulho-do-narrador.htm) -, a poesia moderna encontrava ainda maior profundidade de temas, de preocupação social e investigação psicológica, com [Carlos Drummond de Andrade](http://educacao.uol.com.br/biografias/carlos-drummond-de-andrade.jhtm), [Murilo Mendes](http://educacao.uol.com.br/biografias/murilo-mendes.jhtm), [Cecília Meireles](http://educacao.uol.com.br/biografias/cecilia-meireles.jhtm),[João Cabral de Melo Neto](http://educacao.uol.com.br/biografias/joao-cabral-de-melo-neto.jhtm), [Vinicius de Moraes](http://educacao.uol.com.br/biografias/vinicius-de-moraes.jhtm) e outros.

Aliás, a poesia fez até mais crítica social do que a prosa durante o período entre 1945 e 1965. Veja, por exemplo, um trecho de "Carta a Stalingrado", em que Carlos Drummond de Andrade registra a dor pela guerra e a morte:

*Stalingrado...
Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas
Outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,
E o hálito selvagem da liberdade
Dilata os seus peitos, [...]*(A rosa do povo, 1945)

Ou leia um trecho de seu poema posterior, "A bomba" (a bomba de Hiroshima), em que a própria palavra bomba - como ênfase na devastação da terra e das vidas - é repetida mais de 50 vezes:

*A bomba
é uma flor de pânico apavorando
os floricultores
[...]
A bomba saboreia a morte com marshmallow
[...]
A bomba
não admite que ninguém se dê
ao luxo de morrer de câncer.
[...]
A bomba
É câncer.*

(Lição de coisas, 1962)

Vinicius de Moraes, mesmo depois do fim da guerra, também se deteve no sofrimento mundial, mergulhando na imagem da "Bomba de Hiroxima". Esse poema (na verdade, uma letra de canção), todos nós conhecemos bem, musicado na voz de Ney Matogrosso:

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima [...]

(1962)*

Muitos poetas fazem uso insistente da metalinguagem, que se manifesta junto com a preocupação social e política: para que serve a poesia, para falar de sentimentos ou do mundo exterior? A poesia é ou não a arte da palavra? No lindo "O poema", João Cabral de Melo Neto diz:

*A tinta e a lápis
Escrevem-se todos
Os versos do mundo.
Que monstros existem

Nadando no poço
Negro e fecundo?
Como o ser vivo
Que é um verso,
Um organismo

Com sangue e sopro,
Pode brotar
De germes mortos?
[...]*(O engenheiro*, 1943-1945)*

### E depois? O que vem?

São tantos os escritores importantes de 1945 em diante que, para cada um deles devemos dar atenção particular. Unidos pela época ([guerra fria](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/guerra-fria---inicio-da-segunda-guerra-mundial-as-primeiras-hostilidades.htm), bomba atômica, lutas raciais, EUA, ([capitalismo](http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/capitalismo-industrial-capitalismo-e-revolucoes-das-novas-tecnologias.htm)), embora diferentes entre si, trouxeram à literatura brasileira da segunda metade do século 20 o intimismo, a visão crítica política, reflexões sobre a poesia e o mundo regional.

Muitos historiadores dizem que o mundo tal qual a história o conhecia deixou de existir a partir da década de 1950. Televisão, liberação feminina, eletrodomésticos novos, telecomunicações muito rápidas, urbanização maciça... Todo esse novo mundo estará vinculado à nova cultura de massa, não com a cultura letrada nem com a cultura popular.

Mas o que vai acontecer com a literatura? Tudo e nada ao mesmo tempo. Dizem que esse é o mundo **pós-moderno**. Mas essa já é outra história... E os escritores no Brasil participam dela. Enquanto isso, "repare" num trecho de Cecília Meireles, a poeta dessa geração que, já em 1938, era premiada pela Academia Brasileira de Letras:

### *Serenata*

*Repara na canção tardia
Que timidamente se eleva,
Num arrulho de fonte fria.

O orvalho trem sobre a treva
E o sonho da noite procura
A voz que o vento abraça e leva.

Repara na canção tardia
Que oferece a um mundo desfeito
Sua flor de melancolia.
[...]

(*Viagem*, 1939)*

Texto disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/modernismo-no-brasil---a-2-geracao-o-romance-de-30.htm>